

CIBERTEXTUALIDADES

Publicação da Universidade Fernando Pessoa



TEMA DE CIBERTEXTUALIDADES 07

ESTUDOS SOBRE **ANTÓNIO ARAGÃO**

Organização de **Rui Torres**



ANTÓNIO ANTÓNIO ARAGÃO ARAGÃO

E. M. DE MELO E CASTRO

"a poesia começa onde o ar acaba. é qualquer coisa para depois da própria respiração. como o respirar é muito uma maneira nossa e (pre)vista da condição humana a que somos condenados, a poesia surge a partir desta condenação. mais justo ainda, a partir de toda a condenação. deste modo, só nos resta a queda no irremediável: a vertigem sem apelo, o jogo sem olhos, a ausência impecável de nós. daí o repúdio do lirismo e duma semântica convencionada à escala dos pessoasos (des)gostos mais ou menos audíveis. daí a ambiguidade cómico-dramática em que nos assistimos. nenhuma ordenação é possível. nenhum suspiro pode já (co)mover. em vez de celebrar normas e preceitos que actuam na mediocridade da sujeição, procuramos, mais exactamente, descobrir o bellissimo caos de nós próprios. antes o indefinido do que ser reduzido ao absoluto infrutescente da indefinição. antes o encontro com o desordenado, num conflito sem génese nem juízo final, para atingir o risco de estarmos livres mesmo no discurso do desentendimento. um poema deve ser usado como um instrumento feiticista e consome-se em si numa espécie de ludus encantatório. por isso se dão nomes à matéria: inventa-se e destrói-se para que ela viva a sua tremenda metamorfose, a poesia deve ser tomada por todos os sentidos: quando verbal não deixará também de ser contra o verbo. queremos uma poesia que não explique conteúdos mas forneça estados: donde uma linguagem negra, ausência de estilo e o ataque à fraude da limitação: poesia-contra, poesia-recusa-que-acusa, poesia contra o instituído, o legal, o ordenado e convencional. poesia da liberdade por estarmos demasiadamente perdidos no cúmulo da condenação".

(António Aragão)

Este belíssimo texto é de António Aragão. Escreveu-o para acompanhar os seus *poemas-objetos* que apresentou na exposição VISO-POEMAS, na galeria Divulgação em Lisboa, no mês de janeiro de 1965, prolongando o lançamento, ainda em 1964, do primeiro número da revista POESIA EXPERIMENTAL, de que foi co-organizador e realizador.

Nele se expressa todo um programa de invenção e intervenção poética que se pode estender a todos os colaboradores dessa revista, pois ele era um contraditório mestre! O anti-mestre, talvez até subliminar... mas implacável... que exercia o seu mister (ou mistério?) passeando nas ruas ou cavaqueando nos cafés e nas pastelarias de Lisboa, quando das suas muitas idas e vindas entre o Funchal e Paris ou Roma.

E foi também ele que em 7/8/1963 publicou no *Jornal de Letras e Artes*, o artigo “A arte como campo de possibilidades”, um dos primeiros sinais teóricos de que algo estava para acontecer na poesia em Portugal. Sinais que foram obviamente quase ignorados pelo meio literário, mas foram reconhecidos e aplaudidos por um pequeno número de poetas que estavam já sintonizados e até com livros publicados com características experimentais. Do início desse artigo cito apenas algumas frases sintomáticas:

Hoje... mas hoje a arte dessacralizou-se. Acabaram-se as obrigatórias estipulações, os ciclos fechados, as secas gramáticas e as fórmulas desabitadas ... A toda a hora se tenta nova relação (possível) que signifique de modo diferente ou diga de outra maneira o binômio de vida e matéria em que o homem se inscreve e se debatem todas as suas interrogações.

Aqui aflora uma veia profética, que hoje pode ser facilmente detectada e sublinhada, mas que quando das primeiras intervenções de António Aragão só muito poucos souberam entender.

É que falar sobre o significado da obra de Aragão num enfoque novo, isto é, semiótico, se relaciona com as profundas transformações

que já estavam a caminho nos meios da comunicação e com reflexos na invenção poética. Refiro-me naturalmente às relações entre homens e máquinas que a partir dos anos 60/70 se modificaram e aceleraram, invadindo e redefinindo todos os modos de viver e até de ser. Refiro-me obviamente aos meios digitais que ele antecipou ... antecipação que pode hoje ser lida em várias das suas obras, através de características indiciais.

Para isso utilizarei como referências algumas das suas obras existentes no site PO-EX.NET, destacando uma componente que hoje seria chamada de “ante-contemporânea”, como por exemplo os POEMAS ENCONTRADOS publicados no número 1 da revista *Poesia Experimental*.

Mas também recorrendo a memórias pessoais das nossas aventuras inventivas, como a invenção das ORFOTONIAS e a organização do Suplemento Experimental do *Jornal do Fundão* em 1965, cuja programação e diagramação ortogonal inovadora foi por nós idealizada e realizada.

Aproveito a ocasião para emendar um erro que já vi muitas vezes em vários textos. A exposição na Galeria 111 em Lisboa, realizada em 1965, não se chamou ORTOFONIAS mas sim, ORFOTONIAS ... porque os trabalhos expostos foram feitos pelo António Aragão e por mim, numa ação conjunta, utilizando uma máquina chamada *mimeógrafo* de *stencil* que existia no escritório do ORFEÃO DA COVILHÃ, onde eu então pertencia à Direcção.

Um dia, ao copiar um texto, verificamos que a folha de *stencil* depois de cortada pelos caracteres da máquina de escrever, ficava suja de tinta pelo lado de trás! Geralmente essas folhas cortadas ou eram destruídas ou conservadas num suporte especial para futuros usos. Então tivemos simultaneamente uma idéia: usarmos essa folha impregnada de tinta para produzir imagens inesperadas sobre folhas de papel! Se esse papel fosse mata-borrão a tinta seria rapidamente absorvida e a imagem fixada! E assim fizemos sobre muitas folhas gran-

des de papel mata-borrão...que então ainda se fabricava.

O procedimento era simples: cada um de seu lado pegávamos simultaneamente numa folha de *stencil* fresca de tinta preta e rapidamente a colocávamos em várias posições sobre uma folha de papel mata-borrão branca colocada sobre uma mesa. As imagens assim impressas eram surpreendentes procurando nós nunca repetir os movimentos.

Obtivemos assim uma grande quantidade de imagens diferentes que, depois de selecionadas, constituíram a exposição *ORFOTONIAS* realizada na então nova Galeria 111, que foi muito visitada e comentada.

Eu fiquei com a guarda dessas imagens, mas passados anos o António Aragão manifestou interesse em ficar com elas. Nunca mais as vi. Até que várias apareceram recentemente na posse de um colecionador de trabalhos experimentais que mandou ampliar algumas: são magníficas escritas abstratas!

Mas são, mais que tudo, sinais indiciais da preocupação do Aragão com o uso inventivo feito pelo homem, utilizando máquinas! Foi essa a origem também, anos depois, da sua criação das *ELECTROGRAFIAS* utilizando fotocopiadoras Xerox. Este método original deve hoje ser reconhecido como uma específica criação de António Aragão! É ele próprio que diz num outro extraordinário artigo "A escrita do olhar" publicado no livro *POEMOGRAFIAS*, organizado por Fernando Aguiar e Silvestre Pestana, em 1985:

Mas essas atitudes (convencionais) perante as máquinas continuam a não serem chamadas para aqui. Mais depressa se aproxima de nós a velha analogia homem-máquina de Duchamp ou Picabia e também mais facilmente se compreende o pânico dos intelectuais arcaicos perante a linguagem palpitante e inovadora de certas máquinas dos nossos dias.

A chamada lógica da separação dos gêneros artísticos por uma espécie de síntese das várias modalidades na qual se pretende explicar a operação estética. A tecnologia contemporânea distancia-se dos gêneros e acaba com eles.

O ikon e o logos não se comportam segundo uma separação irremediável mas, antes comungam numa comunicação espacial de modo que um não ilustra o outro nem pretendem uma recíproca explicação. Talvez se trate sobretudo dum duplo olhar do ser. Bipolaridade do ser consubstanciado na união das duas na união das duas partes componentes. Dá-se um encontro com o imaginário ao ponto de fazer desencadear um todo ético-estético-funcional universalizado.

Nas electrografias que foram publicadas em vários folhetos e livros, António Aragão usou todo o seu potencial de ironia, sarcasmo e denúncia, numa amálgama de imagens distorcidas ou fragmentadas e pequenos textos absurdos e pornográficos em que um intencional sentido devastador se manifesta no todo da imagem, que assim se torna num índice de elevado teor crítico.

Penso que o conjunto das suas electrografias é um ponto alto da expressividade política e ontológica contraditória de António Aragão.

A imagem que se segue é disso um exemplo.



POEMAS ENCONTRADOS

No número 1 da revista de *Poesia Experimental* (1964), António Aragão publicou os "Poemas Encontrados". O processo foi o seguinte: primeiro Aragão fez duas colagens sobre bases rígidas de recortes de palavras e pequenas frases encontradas em jornais, usando uma técnica convencional. Em seguida fez várias leituras casuais dessas colagens construindo assim poemas escritos, sem preocupações de sentido prévio e fortemente paratáxicos. Diz ele num texto que acompanha os poemas assim produzidos: "Os dois casos de Poemas Encontrados que aqui propomos vieram dos jornais. Foram tomados de im-pro-viso na descoberta do olhar."

As colagens originais prestam-se portanto a inúmeras leituras de quem as quiser realizar. Trata-se de um procedimento aberto. Muitos anos mais tarde, já no fim do século XX, essa proposta foi retomada por Rui Torres, Jared Tarbel e Nuno F. Ferreira que realizaram uma proposta de infinitas releituras digitais aleatórias, de páginas de jornais do dia, através da Internet. Nesta versão digital podem ser acessados vários jornais em várias línguas que o utilizador pode escolher. Os resultados serão sempre diferentes. Encontra-se disponível no CD-ROM *Poesia Experimental*, realizado pelo CETIC Centro de Estudos do Texto Informático e Ciberliteratura – Universidade Fernando Pessoa, Porto.

Tenho a certeza que António Aragão ficaria deliciado com esta versão digital da sua proposta de 1964 !

CONCERTO E AUDIÇÃO PICTÓRICA

Este primeiro e talvez único *happening* em Portugal, foi um autêntico escândalo!

A proposta foi feita pelo músico e compositor Jorge Peixinho que numa posição interdisciplinar, contactou os poetas colaboradores da *Poesia Experimental*, mas também músicos como Clotilde Rosa (harpista da Orquestra Sinfónica

Nacional) e Mário Falcão (multi-instrumentista da Banda da Guarda Nacional Republicana) e também o pintor Manuel Baptista.

O evento realizou-se na Galeria Divulgação, no espaço onde estava patente a exposição dos nossos trabalhos experimentais, chamada *VISO-POEMAS*.

António Aragão representou um papel que evidenciou uma outra faceta da sua múltipla personalidade: a transgressão, o humor, a denúncia e o absurdo.

O *Funerão do Aragal* foi um momento de absoluto humor absurdo ...

Ao redor de uma mesa que foi trazida já posta, com pratos de comida, sentamo-nos e começamos a comer ruidosamente, mastigando e batendo com os talheres nos pratos... ao lado da mesa foi colocado um caixão de pinho onde o Aragão se deitou. Então todos nos levantamos um a um e despejamos os restos de comida dos pratos por cima do corpo do Aragão. Seguidamente levantamos o caixão e saímos lentamente da cena enquanto se ouviam acordes da marcha fúnebre do costume. O simbolismo era evidente tendo em atenção os mortos das guerras nas colónias de África...

Seguiu-se um solo da harpa ...

No *happening* cada participante tinha uma parte programada e outra improvisada... mas ninguém tinha a certeza do que iria acontecer, pois não conhecíamos o que cada um iria fazer.

A minha participação consistia na realização do poema gestual silencioso *Música Negativa*, na improvisação de *Foco e Barulho* e na participação em várias ações espontâneas e simultâneas com as dos outros participantes.

A Salette Tavares, entusiasmada, atirava rolos de papel higiénico coloridos sobre a assistência enquanto declamava a sua *Ode aos Cri...Cri...Cri... Criticus da nossa terra !!!*

Creio que seria interessante estudar as reações que este acontecimento teve, principalmente nas páginas dos jornais, como *Diário de Notícias* e *Jornal de Artes e Letras*, onde ocorreu uma violenta 'polémica' entre o violinista surrealista Manuel de Lima e Jorge Peixinho... sobre a degradação moral e estética que o nosso happening representava (dizia o Lima !!!)

O intérprete das peças de John Cage foi Jorge Peixinho, mas com interferências de percussão e de harpa!... O Jorge Peixinho manipulou, que eu me recorde, pelo menos, um bidé, um revolver, um violino sem cordas... e um piano de brinquedo... mas de repente dirigia-se ao piano e tocava fragmentos de peças suas (?)...

Em todos os livros de António Aragão, esse humor absurdo está presente por vezes com verdadeira ferocidade, como por exemplo em *Mais Exatamente P(r)o(b)lemas, Os Bancos..., Deus, Pátria, Couves, Etc.* e em várias peças de teatro.

Mas isso é matéria para outro artigo...

Para terminar, uma rápida referência à FAMÍLIA URRO, sem a qual estas minhas notas ficariam ainda mais incompletas do que já são... dada a vasta e multifacetada obra de António Aragão. Trata-se de uma instalação que realizou na exposição PO.EX'80 na Galeria de Arte Moderna, em Lisboa, 1980, que seria a última mostra coletiva organizada pelos próprios poetas experimentais.

A FAMÍLIA URRO consistia numa série de retratos convencionais de pessoas do final do século XIX, presumivelmente parentes do próprio Aragão, ampliadas e luxuosamente encaixilhadas, penduradas convencionalmente nas paredes de uma sala. Quando alguém se aproximava para ver melhor qualquer uma das fotografias, ela respondia agressivamente com urros, gritos ou uma série de palavrões obscenos! Instintivamente a pessoa recuava e a foto calava-se ...

A realização tecnológica consistia em interruptores de pressão colocados por baixo da alcatifa do chão que, quando pisados, ativavam grava-

ções previamente feitas. A tecnologia era evidentemente analógica.

Hoje poderia usar-se tecnologia digital para muito mais facilmente se obter um efeito semelhante de ironia acutilante e de puro gozo!

Falta dizer que conheci António Aragão por mero acaso quando em 1957 eu subia e ele descia, ou eu descia e ele subia a rua Garrett em Lisboa. Eu estava acompanhado da Maria Alberta Menéres, que conhecia o Aragão da Faculdade de Letras, e nos apresentou! Aí começou uma longa conversa no café Nicola, no Rossio, conversa que durou muitos anos de encontros e desencontros amigáveis, em Lisboa, Funchal, Paris ou Roma, cidade esta que ele me mostrou caminhando sempre a pé, pois dizia que assim é que se viavivia a cidade, recusando-se a entrar num táxi, durante as duas semanas que lá estive... Resultado, gastei as solas de dois pares de sapatos! No Trastevere admiramos as muitas pinturas e inscrições murais nas casas, o que era uma novidade poética para nós, porque em Portugal, nos anos 60, nas paredes só havia horrososas placas "Afixação Proibida"!

ISSN 1646-4435

